



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

IVETE MACHADO DE MIRANDA PEREIRA

**LA GABRIELLE, CRAVO E CANELA: AS “PLANTAS PRECIOSAS” E A INVASÃO
PORTUGUESA DA GUIANA FRANCESA (1796-1817)**

**JUIZ DE FORA
2013**

IVETE MACHADO DE MIRANDA PEREIRA

**LA GABRIELLE, CRAVO E CANELA: AS “PLANTAS PRECIOSAS” E A INVASÃO
PORTUGUESA DA GUIANA FRANCESA (1796-1817)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, linha de pesquisa: Narrativas, Imagens e Sociabilidades, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Professor Doutor Alexandre Mansur Barata

Juiz de Fora

2013

IVETE MACHADO DE MIRANDA PEREIRA

**LA GABRIELLE, CRAVO E CANELA: AS “PLANTAS PRECIOSAS” E A INVASÃO
PORTUGUESA DA GUIANA FRANCESA (1796-1817)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, linha de pesquisa: Narrativas, Imagens e Sociabilidades, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alexandre Mansur Barata (Orientador)

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Carla Maria Carvalho de Almeida

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Lúcia Bastos Pereira das Neves

Universidade Estadual do Rio de Janeiro

O que se propeem nesta Memoria, he de fazer conhecer esta parte da Goyanna conhecida debaixo do nome de Goyanna Franceza, de fazer sentir as vantagens que se podem tirar, a importância que ella pode adquirir seja debaixo da Rellação do Commercio, seja debaixo da Rellação Politica, e como Ponto Militar.

Sua extensaõ, a fertilidade das suas Terras, a qualidade Superior de suas produçoens, tudo em fim faz vivamente desejar, que Ella seja justamente avaliada, e que tome a Ordem que a natureza parece ter-lhe assignado, prodigadizando-lhe, pela fecundidade de suas Terras, huma fonte inexgotável de Riquezas: Huma administração Sabia, hum Plano fixo, e seguido com perseverança, combinado sobre a situação Local da Colonia, suas relações Politicas, e commerciaes, e seus meios de execuçaõ, reparando os males, que a Revolução Franceza lhe tem ocasionado, e a conduziraõ ao grao de esplendor, que Ella teria tido desde muito tempo, se mil cauzas diversas não tivessem sempre interrompido sua marcha.

Memória sobre a parte da Goyanna chamada Francesa. 26 de novembro de 1810.

Brigadeiro Manoel Marques.

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Seção de Manuscritos, 5, 3, 12, fº 12.

RESUMO

Este estudo pretende analisar a invasão da Guiana Francesa em janeiro de 1809 por tropas portuguesas provenientes do Grão-Pará, com auxílio naval inglês. Para compreender essa invasão levaram-se em conta as transformações políticas e culturais na virada do século XVIII para o século XIX na Europa, que envolveram as duas metrópoles, Portugal e França. No âmbito das transformações culturais, percebe-se nesse período a valorização da Natureza e de sua utilização pragmática. A agricultura e a botânica se tornaram forças econômicas, e a aclimação de espécies vegetais rentáveis, como as especiarias, passou a ser almejada pelos governos. A Guiana Francesa foi escolhida pelo governo francês para as experiências de aclimação que se revelariam exitosas, acendendo o interesse português. Por sua vez, no âmbito político, a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, decorrente da invasão do território português pelas tropas napoleônicas, tornou possível algo que estava nos planos portugueses desde o início da década de 1790. A declaração de guerra feita à França pelo Príncipe Regente após sua chegada à América em 1808 foi seguida pelo planejamento da invasão da Guiana, que se concretizaria no início de 1809. Neste estudo, a compreensão da invasão está ligada à cultura das Luzes e à vinda da Corte portuguesa para a América.

Palavras-chave: Guiana Francesa. Invasão. Especiarias. Portugal. França.

ABSTRACT

This study aims to analyze the invasion of French Guiana in January 1809 by Portuguese troops from the Grand Para with the help of the English Navy. To understand this invasion it took into account the political and cultural transformations at the turn of the eighteenth to the nineteenth century in Europe involving the two big countries, Portugal and France. In the context of cultural change, it is perceived in that period an appreciation of nature and its pragmatic use. The agriculture and botany became economic forces and the acclimation of plant species became profitable such as spice, and became desired by governments. The French Guiana was chosen by the French government to the experiences of acclimatization that would prove successful, sparking the Portuguese interest. Meanwhile, in the political sphere, the transfer of the Portuguese Court to Rio de Janeiro, due to the invasion of Portuguese territory by Napoleonic troops, made possible something that was in the Portuguese plans since the early 1790s. The declaration of war by the Prince Regent to France after his arrival in America in 1808 was followed by planning the invasion of Guyana that would materialize in early 1809. In this study the understanding of invasion is linked to the culture of the Enlightenment and the coming of the Portuguese Court to America.

Keywords: French Guiana. Invasion. Spices. Portugal. France.

RÉSUMÉ

Cette étude veut analyser l'invasion de la Guyane française en janvier 1809 par des troupes portugaises provenant du Grão-Pará soutenues par la force navale britannique. Pour comprendre cette invasion on a pris en compte les transformations politiques et culturelles au tournant du XVIII^e au XIX^e siècle en Europe qui ont concerné les deux métropoles, la France et le Portugal. Dans le domaine des transformations culturelles on perçoit dans cette période la mise en valeur de la Nature et de son utilisation pragmatique. L'agriculture et la botanique sont devenues des forces économiques et l'acclimatation des espèces végétales rentables, comme les épices, a attiré la convoitise des gouvernements. La Guyane française a été choisie par le gouvernement français pour les essais d'acclimatation qui ont été très réussis, attisant l'intérêt portugais. A son tour, dans le domaine politique, le transfert de la Cour portugaise à Rio de Janeiro, en conséquence de l'invasion du territoire portugais par les troupes de Napoléon, a permis la réalisation de quelque chose qui était déjà dans les plans portugais depuis le décennie de 1790. La déclaration de guerre faite à la France par le Prince Régent, après son arrivée en Amérique en 1808, a été suivie de la planification de l'invasion de la Guyane française qui se concrétiserait au début de 1809. Dans cette étude, la compréhension de l'invasion est liée à la culture des Lumières et à l'arrivée de la Cour portugaise en Amérique.

Mots-clés: Guyane française. Invasion. Épices. Portugal. France.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA 1 REGIÃO GUIANENSE – ESCALA = 4.000.000	20
MAPA 2 ENTRADA DO RIO MAHURY	121

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 PRODUÇÃO DE LA GABRIELLE	146
TABELA 2 RENDIMENTO DE LA GABRIELLE	146
TABELA 3 EXPORTAÇÕES DA GUIANA FRANCESA	147

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA: VÁRIAS LEITURAS	16
2.1 HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA	17
2.2 HISTORIOGRAFIA FRANCESA	31
3 CIÊNCIAS NATURAIS: CONHECIMENTO, UTILIDADE E PRAZER	41
3.1 SOCIABILIDADES INTELCTUAIS NO SÉCULO XVIII: OS ESPAÇOS DO SABER CIENTÍFICO.....	44
3.2 INTEGRAÇÃO ENTRE O MUNDO DA POLÍTICA E O MUNDO DAS CIÊNCIAS...55	
3.3 RELAÇÃO ENTRE ECONOMIA E AGROBOTÂNICA EM MEADOS DO SÉCULO XVIII.....	71
4 AS ESPECIARIAS ACENDEM A COBIÇA: INVASÃO DE 1809.....	82
4.1 AS ESPECIARIAS, VELHAS CONHECIDAS DOS PORTUGUESES.....	83
4.2 GUIANA FRANCESA E GRÃO-PARÁ: POLÍTICA E ECONOMIA.....	87
4.3 VINDA DA CORTE E INVASÃO DE 1809.....	101
5 CAPITULAÇÃO E GESTÃO PORTUGUESA NA GUIANA FRANCESA.....	122
5.1 TERMOS DA CAPITULAÇÃO: AO PERDEDOR OS LOUROS DA VITÓRIA.....	123
5.2 GESTÃO PORTUGUESA NA GUIANA FRANCESA.....	134
5.3 LA GABRIELLE, UMA “FAZENDA VERDADEIRAMENTE REAL”.....	142
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
FONTES.....	153
REFERÊNCIAS.....	160
ANEXO.....	169

1 INTRODUÇÃO

A história de uma conquista empreendida por portugueses a partir do território americano do Grão-Pará é o tema deste trabalho. A pequena, pobre e subpovoada colônia francesa da América Meridional, a Guiana Francesa, foi invadida em janeiro de 1809 por tropas portuguesas, com ajuda naval inglesa. Conquista sobre a qual não há muitos trabalhos historiográficos e da qual muitos nunca ouviram falar. Este era o nosso caso, até que a entrevista do autor de uma tese sobre a Guiana Francesa, o professor Ciro Flamarion Cardoso, caiu em nossas mãos¹.

Atualmente, a Guiana Francesa é departamento ultramarino da República Francesa, localizada ao Norte do Estado do Amapá, integrando a União Europeia, o que a torna a última parte ainda não soberana da América do Sul, em “estranha situação política e jurídica”. Aliás, suas vizinhas no planalto das Guianas, o Suriname, antiga Guiana Holandesa, e a República da Guiana, antiga Guiana Inglesa, apenas recentemente ficaram independentes. A República da Guiana em 1966 ficou independente do Reino Unido, e o Suriname, em 1975, dos Países Baixos. A Guiana Francesa passou de colônia a departamento ultramarino francês em 1946, gozando de igualdade jurídica com os demais departamentos franceses².

O início da colonização da Guiana Francesa não foi uma empresa fácil, pois a selva equatorial cobria quase 90% dos 86.504 km² de seu território. Apesar de banhada pelo Oceano Atlântico, seu acesso marítimo era dificultado pelo depósito de aluviões provenientes da embocadura do rio Amazonas, tornando suas águas pouco profundas. Os primeiros colonos franceses estabeleceram-se em Sinamary em 1626, e em Caiena em 1643, mas devido à hostilidade do território, do clima e de seus habitantes autóctones, a Guiana Francesa foi abandonada e invadida por holandeses, que ali permaneceram por nove anos, até serem expulsos em 1664 por Le Febvre de La Barre, tenente-general de Luís XIV³.

No fim do século XVIII, era conhecida e ocupada somente uma estreita franja costeira, que ia do rio Iracoubo, a oeste, ao rio Oiapoque, a leste. As terras da Guiana eram distribuídas pelos administradores locais, o governador e o intendente, concessão gratuita feita sob a obrigação de valorizá-la em três ou quatro anos, caso contrário as terras seriam retomadas para o rei. Apesar das terras gratuitas, os investimentos necessários para a instalação de uma

¹ MORAES, José Geraldo Vinci; REGO, José Márcio. **Conversas com Historiadores Brasileiros**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

² GRANGER, Sthéfane. Guiana Francesa, um território europeu e caribenho no caminho da sul-americanização? In: **Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 4, agosto 2008, p. 159.

³ RIO BRANCO, Barão do. **Questão de limites**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945, p. 78-82.

fazenda eram altos e a colônia continuava pobre e despovoada⁴. Desde o início da colonização da Ilha de Caiena, França e Portugal envolveram-se em sérias questões de fronteira, ambas reivindicando as terras entre o rio Oiapoque e Amazonas, as chamadas terras do Cabo Norte, atual Estado do Amapá. Vizinha indesejada em decorrência dessas querelas fronteiriças e dos corsários que abrigava, a colônia francesa na América do Sul era motivo de preocupação para os governantes lusos, até que em janeiro de 1809 foi invadida por portugueses.

Mas, por que o interesse português na Guiana, qual o objetivo da invasão, foi a indagação que nos moveu primeiramente. Em um segundo momento, o conhecimento da existência de um complexo agrícola invejável, onde eram aclimatadas plantas da Índia, nos direcionou a fazer a ligação entre os dois fatos, pois a “História é, antes de tudo, o estabelecimento de correlações”, segundo Georges Duby⁵. Teriam as novas ideias do século XVIII, relacionadas com a cultura das Luzes, possibilitado a decisão da invasão? Quais os determinantes políticos envolvidos na ação? A segunda metade do século XVIII na Europa foi uma época rica de acontecimentos e transformações sociais e políticas, e Portugal não ficou de fora das mutações.

Portanto, direcionamos nossos estudos para a Europa da segunda metade do século XVIII, onde as metrópoles das colônias em questão, França e Portugal, foram palco de discussões filosóficas, de contestações dos valores sociais e políticos até então vigentes. Queríamos investigar se as ideias ilustradas tiveram peso no espaço colonial americano, principalmente no que dizia respeito às ações governativas e de investigação “científica”⁶. Mas, principalmente, procurar correlações entre a mudança paradigmática que se operou em finais do Setecentos com a invasão do início do século XIX. E, entre as mudanças, a valorização da Ciência pelos governos, como meio de alcançar-se o progresso dos povos, era evidente, com destaque para a Agronomia e a Botânica.

Duas questões nortearam este trabalho. A primeira, compreender a invasão levando-se em conta a cultura das Luzes e o lugar ocupado pelo estudo das Ciências nas transformações ocorridas no Setecentos, quando a utilização pragmática da natureza passou a ser considerada força capaz de alavancar economias, quando a aclimatação de espécies vegetais – principalmente por sua rentabilidade, as especiarias – passou a ser incentivada pelos governos. Dentro desse contexto, a Guiana tornara-se possuidora de *know how*, pelo sucesso

⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion. **Economia e sociedade em áreas coloniais periféricas**: Guiana Francesa e Pará (1750-1817). Rio de Janeiro: Edição Graal, 1984, p. 31-34.

⁵ DUBY, Georges; LARDREAU, Guy. **Diálogos sobre a Nova História**. Lisboa: Dom Quixote, 1989, p. 103.

⁶ Sobre Ilustração Portuguesa, ver DIAS, Maria Odila da Silva. Aspectos da Ilustração no Brasil. **Revista do IHGB**, v.278, jan-mar. 1968, p. 105-70. NOVAIS, Fernando A. O Reformismo ilustrado luso-brasileiro: alguns aspectos. **Revista Brasileira de História** São Paulo, Anpuh/ Marco Zero. Vol.4, nº 07, 1984.

obtido com a aclimação de especiarias vindas de uma colônia francesa do Oceano Índico, Île de France. A coroa francesa possuía na Guiana várias fazendas, a mais importante a Fazenda Real das Especiarias, conhecida como La Gabrielle, onde eram aclimatadas plantas exóticas, entre elas o cravo-da-índia, a canela do Ceilão, a noz-moscada, a pimenta... O que permite relacionarmos a invasão ao interesse de Portugal pelo patrimônio vegetal que a França formara na Guiana.

Em consequência do contexto iluminista europeu de projeção das Ciências Naturais e de valorização das espécies consideradas exóticas partimos da hipótese de que a invasão faria parte de uma política fomentista do governo português visando ao patrimônio vegetal que a França construía na Guiana. Não somente na França, mas em todos os países da Europa, jardins botânicos eram formados para o estudo de espécies que pudessem se revelar rentáveis para as nações. Segundo Domingos Vandelli (1735-1816), naturalista italiano radicado em Portugal, teriam sido estabelecidos 12 jardins botânicos na França, 13 na Itália, 20 na Alemanha, 2 na Espanha, 3 na Inglaterra, 4 na Prússia⁷. Em Portugal, a Universidade de Coimbra construiu seu jardim botânico e Museu de História Natural. Em Lisboa, foram construídos o Real Jardim Botânico da Ajuda e o Real Gabinete de História Natural.

Mas a decisão de uma invasão é primordialmente política e, portanto, buscamos nos meandros da política europeia, após a Revolução Francesa, as questões que possibilitaram essa ação. Focalizamos as relações políticas entre França e Portugal, o jogo diplomático que permitiu a Portugal ser a única nação do continente europeu a manter afastado o “déspota corso” até 1807, quando finalmente a Corte Portuguesa singra os mares em busca de refúgio na colônia americana. Portugal é invadido pelas tropas francesas, mas o Príncipe Regente e a casa de Bragança estão salvos. Hora de colocar em prática o plano comunicado ao aliado inglês, a invasão da vizinha Guiana Francesa, possibilidade que a transladação da corte tornou viável.

Quanto ao tratamento metodológico, a pesquisa centrou-se na análise de fontes primárias, impressas e manuscritas, provenientes de diferentes arquivos e de bibliotecas, como a Caixa 1192, Fundo Caiena do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. O Fundo Negócios de Portugal, Códice 99 do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. A divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e o Arquivo Histórico do Itamarati do Rio de Janeiro, Legação de Londres. Quanto ao recorte temporal, optou-se por iniciar a análise em 1796, ano em que D. Rodrigo de Souza Coutinho assumiu a Secretaria de Estado

⁷ VANDELLI, Domenico. **Memória sobre a utilidade dos Jardins Botânicos a respeito da Agricultura, e principalmente da cultura das charnecas**. Coimbra: Real Officina da Universidade, 1788.

da Marinha e Domínios Ultramarinos. E, por sua vez, estabeleceu-se como marco final o ano de 1817, quando a Guiana Francesa foi devolvida à França, após quase nove anos em poder dos portugueses.

Para dar conta dos objetivos propostos optamos por dividir a dissertação em quatro capítulos. O primeiro capítulo objetiva fazer um balanço da historiografia sobre a Guiana Francesa e o Grão-Pará. Entretanto, é preciso uma observação inicial sobre os critérios utilizados para selecionar os autores analisados. Consideramos como historiografia do século XIX a leitura do passado envolvendo uma narrativa que conformava uma cultura histórica plural cujo aspecto mais evidente é sua amplitude, indo além daqueles textos produzidos pelos historiadores⁸. A observação é importante, pois foram consideradas como obras historiográficas as produções históricas diplomáticas, construções memorialísticas, projetos saídos das mãos de políticos e homens de Estado.

Um ponto comum encontrado na historiografia brasileira e na francesa é a análise retrospectiva dos conflitos desde o início do processo colonizador da região, acompanhando as representações construídas, e os diversos tratados que ao longo do tempo foram tecidos pela diplomacia das duas metrópoles. Como a pesquisa relaciona a invasão ao interesse dos portugueses pelo complexo agrícola mantido pela coroa francesa, autores que pesquisam a botânica e sua relação com a colonização no século XVIII fazem parte da bibliografia, pois permitem apreciar o enraizamento do interesse pela aclimatação das especiarias com as implicações econômicas e políticas da invasão. Além disso, muitas fontes primárias estão transcritas nesses livros.

O segundo capítulo, “Ciências Naturais: conhecimento, prazer e utilidade”, tem por objetivo demonstrar a importância do estudo da natureza na segunda metade do século XVIII, como a Agricultura e a Botânica foram consideradas do ponto de vista econômico. A associação entre História Natural, sociabilidades científicas, governo e economia evidencia o caráter pragmático que o conhecimento assumiu no século XVIII, caráter que ajuda a compreender a invasão da Guiana Francesa no alvorecer do século XIX.

Em um primeiro momento analisaremos as sociabilidades intelectuais, na forma das sociedades científicas, entre elas a Academia Real das Ciências de Lisboa e a Academia Real das Ciências de Paris. As sociedades científicas portuguesas e francesas estiveram envolvidas em um projeto científico voltado ao melhoramento da Agricultura e da Botânica, utilizando-se

⁸ Sobre cultura histórica ver GOMES, Angela de Castro. Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. In: ABREU, Marta; SOIHET, Raquel; GONTIJO, Rebeca (orgs). **Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

os espaços coloniais das duas metrópoles, notadamente América portuguesa e Guiana Francesa.

No caso de Portugal, o esforço para promoção e desenvolvimento da Agricultura levou ao estímulo da produção de monografias temáticas por meio de concursos, em que os trabalhos premiados eram publicados sob o nome de *Memórias Econômicas para o Adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Indústria em Portugal*. Na França, as instituições científicas foram os pilares da política botânica, desenvolvendo projetos do Ministério da Marinha. Foram instituídos prêmios anuais para os melhores trabalhos, e as memórias eram publicadas pela Academia Real das Ciências de Paris. Os jardins parisienses tornaram-se lugares de sociabilidade erudita e mundana, em que se cruzavam médicos, naturalistas, curiosos e estudantes.

O objetivo do terceiro capítulo, “As especiarias acendem a cobiça: invasão de 1809”, é demonstrar a importância das especiarias na economia portuguesa desde o século XVI, a pretensão – que resultaria em fracasso – de aclimatá-las na América portuguesa no século XVII, e o interesse pelas especiarias aclimatadas pela Guiana Francesa. Para isso, centraremos a análise nas estratégias da administração do então governador do Grão-Pará, D. Francisco Maurício de Souza Coutinho, frente aos interesses da Coroa portuguesa na Guiana. O contrabando e o roubo de sementes e plantas acontecem sob a égide do governo e tem-se o início do planejamento da invasão a partir de 1796. Invasão efetivada em 1809 no âmbito das guerras napoleônicas e da transferência da Família Real Portuguesa para o Rio de Janeiro.

Finalmente, o quarto capítulo, “Capitulação e gestão portuguesa na Guiana”, terá por objetivo responder à questão da motivação da bem-sucedida invasão ocorrida em 1809. Invasão seguida de uma capitulação controvertida, comandada pelo igualmente controvertido governador da Guiana, Victor Hughes, responsável pelos 16 artigos da capitulação. Analisaremos a administração portuguesa na Guiana, as decisões tomadas pelo governador Manoel Marques e pelo intendente João Severiano Maciel da Costa, responsável pela administração civil, e as expectativas frente ao destino da conquista.